

## Criar qualquer coisa de novo

Bruno Ministro

O primeiro contacto que tive com a obra de António Nelos foi muito provavelmente através de uma das muitas antologias de poesia experimental e visual em que participou. Embora já não possa saber ao certo qual, acredito que essa primeira leitura-observação foi de algum dos seus trabalhos de eletrografia. Isto é, uma daquelas obras que, anos mais tarde, me serviram de inspiração e estímulo para desenvolver uma tese de doutoramento que incluiu Nelos entre os artistas estudados. Algo que sempre me interessou foi o modo como os seus trabalhos recorrem com frequência à língua numa conjugação entre palavra e imagem, refletindo as suas potencialidades, condicionantes e tensões. Essa língua não é só aquela que aparece bem para fora da boca numa das eletrografias “ON/OFF”.

António Nelos participou desde jovem em várias exposições individuais e coletivas de pintura, desenho e colagem. Por essa mesma altura de finais dos anos 1960, e como descreverei mais adiante, Nelos também escreveu e publicou alguma poesia. Embora nessas lides ainda separasse elementos verbais e visuais, em retrospectiva, não deixa de se pressentir aí um embrião da hibridização que acabou por marcar o seu percurso artístico. Cruzando palavra e imagem, foi na eletrografia que António Nelos encontrou o seu meio predileto.

A primeira obra que publica nesse domínio, “Subversão” (*Filigrama*, 1981), permite perscrutar, inclusive no título, a dimensão interventiva de toda a sua obra. São muito interessantes a este respeito as palavras do próprio artista sobre a sua prática eletrográfica, precisamente porque nelas podemos ver de modo mais amplo uma maneira de estar no mundo. Como o próprio sempre afirmou, o que lhe interessava eram as “misturas” e as “combinações”, porque “esse é um dos objetivos das vanguardas, não é? Criar qualquer coisa de novo. Não é continuar o marasmo do que já se sabe e do que já se conhece.” (Nelos entrevistado por Luís Tranquada em 2011 no âmbito de *Lonarte*).

A criação do novo encontramos-la em publicações tão díspares como *Olho por olho dente por dente* (1987), *Pravda* (1993), *Genocídios 1* (1995) ou *Lugares de Assento. Polí(p)tico Satírico* (2002), para nomear apenas alguns dos trabalhos publicados em formato livro: sempre de forma curta, experimental e independente. No fundo, os seus trabalhos parecem ter adotado esse formato apenas e só quando o número de imagens e a sua lógica sequencial justificava que assim fosse. Nesse sentido, criar qualquer coisa de novo é estar desprendido das amarras dos formatos e, sobretudo, de caracterizações apriorísticas de formatos e respetivos capitais simbólicos.

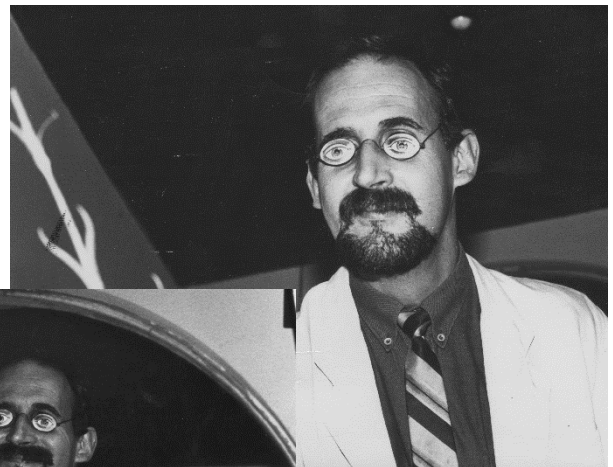
Além de ter participado em várias antologias do experimentalismo organizadas sobretudo por Fernando Aguiar, entre outras publicações em Portugal e no estrangeiro, António Nelos colaborou com frequência em atividades de arte postal, tendo inclusive organizado várias exposições nesse domínio. Mais, no final dos anos 1990 e inícios dos 2000 produziu vários trabalhos em cooperação com César Figueiredo que trouxeram à eletrografia e copy art novas roupagens. Vários desses trabalhos consistem em objetos que rompem com uma série de categorizações que, por norma (ou por normalização ou normativização), são alheias ao chamado mundo da arte. O desprezo pelo mundo da arte implica aqui a maior importância que estes artistas dão à arte no mundo.

Da frequente abordagem de temas como a liberdade, a consciência social ou a alienação – muito em particular através da reflexão sobre os sistemas políticos, a religião, a guerra e a exclusão social –, a obra de António Nelos, não sendo engajada num sentido estrito ou ortodoxo, oferece-se como uma prática de pensamento crítico-criativo. Acreditava Nelos, e assim deixou testemunho, que é obrigação do artista “intervir no sentido de questionar a época em que vive” (Nelos entrevistado por Luís Rocha em 2013 para o *DNotícias – Madeira*). Isto afirmava-o em 2013, como também já o fazia em 1986, por exemplo, quando a propósito da publicação de uma brochura sua em *Xerolage* (n.º 5), coleção editada pelas Xexoxial Editions em Madison, Wisconsin, dizia que acreditava numa “arte interventiva e não-oficial”. A obra de Nelos é uma obra que cria qualquer coisa de novo mas cria sempre por fora.

É também por isso que “Liberdade” (1986) – que arrisco dizer ser uma das suas obras mais conhecidas por ter sido republicada várias vezes – não é um grito de “liberdade”, ou não o é apenas, é também um grito pela “verdade”, além de ser um grito dadaísta: “li-ver-dada-de”. Fazendo sempre uso da liberdade e da crítica feroz, são ainda assim menos conhecidos os inúmeros trabalhos, muitos deles inéditos até então, que publicou nos cinco frenéticos números da revista *ZUT!* editados em 1983 e 1984. A sua colaboração recorrente neste projeto coletivo e a partilha do espaço daquelas páginas com outros trabalhos em desenho, poesia, banda desenhada, contos, crítica e sátira, reflete muito bem o que é o contexto das movimentações plurais e cruzadas da obra de Nelos.

O artista já falava dessa liberdade, em 1967, num dos poemas que então publica no suplemento juvenil do *Comércio do Funchal*: “A miragem foi destruída / e o barco lá partiu / através dos desejos. / Depois, / o beijo liberdade de duas chaves.” (“Poema VII”, *Comércio do Funchal*, 23 de julho de 1967, suplemento juvenil, p. 2). Talvez esta “miragem” e também o “sonho, num outro poema, fossem já nessa altura menos oníricos e mais políticos: “Sonho: era uma vez / nos jardins da Babilónia / uma rainha. / Não. / Uma abelha. / A rainha afogou-se no mel / do Himeto.” (“Poema II”, *Comércio do Funchal*, 26 de março de 1967, suplemento juvenil, p. 5).

Esta liberdade que rompe as hierarquias, quaisquer que elas sejam, será sempre uma linha de horizonte crítica para António Nelos, mesmo após o seu regresso de Bruxelas depois da “Rêve - Loção” de 25 de abril de 1974. As aspas atrás, como é fácil identificar aos que conhecem a sua obra, vêm da única performance realizada pelo autor, com aquele título, no âmbito da exposição *Poesia: Outras Escritas, Novos Suportes* (1988) e depois repetida, como indica uma das imagens abaixo, em 1991, também em Setúbal. Estas fotos foram-me fornecidas pelo próprio e, tanto quanto é do meu conhecimento, não se encontram publicadas noutro lado. Pareceu-me interessante incluí-las aqui para render-lhe homenagem crítica e humorada, como as fotos.





Nessa ocasião, a intervenção performativa de Nelos passou por uma postura satírica, desde logo patente no próprio título, que apelava em simultâneo à necessidade de uma mudança e fazia a paródia dessa mesma atitude revolucionária ou, melhor dizendo, dos seus trejeitos e *clichés*. O jogo de contrastes é, aliás, uma estratégia muito presente na globalidade dos seus trabalhos, sendo que a produção de contraditórios é muitas vezes veiculada através do humor que Nelos aplica no seu trabalho artístico, sempre fiel a uma crítica social que, mesmo passando pelo cómico, não é por isso mais ligeira.

É particularmente curioso o equilíbrio que as obras de Nelos sempre apresentaram entre estes traços de humor, mais ou menos leves ou carregados, e a violência dos temas que o artista trata ou mesmo da forma como os trata. De resto, este jogo de equilíbrios representa bem, embora de forma paradoxal, o desequilíbrio do mundo. Um mundo que nos é dado com pouca graça (em todos os sentidos do termo) e com muita violência (em todas as escalas, da simbólica à mais funesta). Fosse António Nelos vivo e estaria hoje a produzir trabalhos, como fez no passado por exemplo para a Bósnia e Timor, a partir das violentas imagens da guerra na Ucrânia e do genocídio na Palestina. Seria triste.

Só de percorrer de novo algumas das obras que António Nelos nos deixou apetece hoje gritar “PRI MATA!”! E, depois, logo a voz não consegue calar: “LIBERTÉ, EGALITÉ, FRATERNITÉ!””, “DIZ PU TA DO!””, “MAIORIA ABSOLETA”, “ALI É A NAÇÃO!””, “THE NEXT WORD WAR!””, “NO! NON! NÃO! NIET!””. Um sonoro e redondo NÃO, é isso que a obra de Nelos é. Melhor: um NÃO ao que se conhece e não serve; um SIM empenhado em criar qualquer coisa de novo.

